



O QG feminista é uma revista digital gratuita feita com trabalho voluntário de mulheres que escrevem e traduzem textos sobre diversos temas importantes sobre a opressão feminina.

Este zine tem o intuito de mostrar alguns de nossos textos para que você venha conosco para a luta! Vamos juntas!

Acesse todos os nossos textos em:
<http://medium.com/qg-feminista>



Créditos

Autoras desta edição:

Cila Santos
Glosswitch
Mariana Amaral
Melina Bassoli
Zuzana Boehmová

Tradutoras desta edição:

Aline Rossi
Anna Beatriz Saraiva

Ilustradoras desta edição:

Capa: Raíssa Ferreira Costa
Página 16 e 17: Maíra Guimarães | @oh.mai.artes
Página 25: Bhamá
Demais imagens: Melina Bassoli

Convocação de ilustradoras:

Yasmin Moraes

Revisão, Diagramação e Projeto Gráfico:

Melina Bassoli

Produção e Distribuição:

Mariana Amaral

Idealização:

Cila Santos



Índice

10 coisas que realmente ninguém diz sobre a maternidade	6
Nossa cultura desumaniza mulheres, reduzindo-as a reprodutoras e não reprodutoras	14
Aborto espontâneo e maternidade compulsória — as ferramentas de culpabilização das mulheres	19
De um corpo que é só seu	22
Pare de dizer que leite materno é de graça	26
“Mães narcisistas”, um olhar feminista	31
Da parte boa de ser mãe	38





10 COISAS QUE REALMENTE NINGUÉM DIZ SOBRE A MATERNIDADE

E que você descobre da pior maneira possível

Por: Cila Santos

1. Não existe nenhuma maneira 100% segura de se evitar gravidez

É exatamente isso. Não existe nenhuma maneira completamente efetiva para se evitar uma gravidez. Pílulas, camisinhas, DIU, diafragma, ou mesmo vasectomia e laqueadura não oferecem 100% de garantia. Sua melhor opção é SEMPRE utilizar métodos combinados (camisinha + alguma coisa). Portanto, não existe muita escolha na maternidade e “só é mãe quem quer” é uma falácia. Se você faz sexo com homens, corre o risco de engravidar. Você pode minimizar a possibilidade ao máximo, até margens bastante seguras. Mas eliminar o risco por completo só abrindo mão de sexo heterossexual.

2. O sistema de saúde não está preparado para atender gestantes

Essa você nem imaginava, não é? Mas é a mais pura verdade. Ambos os sistemas — público e particular — são cesaristas e utilizam protocolos obstétricos e pediátricos completamente desatualizados. Isso mesmo. São práticas que não estão exatamente de acordo com as últimas evidências científicas. Muitas técnicas de atendimento utilizadas estão obsoletas, ou mesmo condenadas, resultando em muita violência obstétrica. E, para fugir dessa situação, nem sequer é somente uma questão de se ter dinheiro (não à toa, vira e mexe você vê artistas famosas e endinheiradas que caem no conto da cesárea — mas com muito glamour, é claro). Sua melhor opção é se informar ao máximo, pesquisar muito sobre profissionais que atuem com protocolos atualizados, buscar hospitais da rede pública mais humanizados, e aí entra realmente o fator sorte de encontrar atendimento público

decente ou possuir poder aquisitivo para pagar algo semelhante ao valor de um rim por profissionais da rede particular. Nesse caso, se você tiver boas indicações de profissionais, o dinheiro fará diferença. Na média, é tudo bastante aterrizante, porque o atendimento duvidoso começa já no pré-natal e quase sempre só resta a resignação, ou passar toda a gestação peregrinando de médico em médico, até acertar um.

3. Você será atormentada pela “indústria da maternidade”

Prepare o coração e o bolso. Há toda uma indústria focada em vender um sonho de maternidade romantizada, que vai tentar extorquir todo o seu dinheiro, criando necessidades surreais e rituais desnecessários para o advento do nascimento do seu filho. Você duvidará de si mesma e da sua capacidade de ter e de criar esta criança, tamanha a quantidade de geringonças e apetrechos que serão empurrados para você. A maioria desnecessária. Mais uma vez, você terá que mergulhar por conta própria em busca de informação de qualidade, para entender quais costumam ser exatamente as demandas de uma criança e que tipo de criação com-

bina mais com o seu perfil e como conciliar essas coisas. E economizar milhões. Você será incentivada e cobrada a fazer *books*, enxovais, “mesversários”, “chás” de tudo que é jeito, e, caso não sucumba, terá a opção de sair de circulação, abortar-se, ou passar toda a gestação se justificando.

4. Você será massacrada por estereótipos de gênero

Bem-vinda ao mundo dos chás de revelação, meu mundo rosa, meu mundo azul, no qual o sexo do seu bebê define tudo, até a cor da chupeta que ele levará à boca e não à genitália. Será impossível comprar qualquer item, por mais inofensivo que seja, sem responder à inútil pergunta: “é menino ou menina?”, e você será o tempo todo muito bem orientada sobre que tipo de educação esperam que você dê para sua “princesa” ou para o seu “príncipe”, e aí de você se ousar dizer que não vai seguir à risca o manual dos estereótipos de gênero. Resistir a essa pressão é uma tarefa difícil, solitária e bastante aborrecida, porque todo nosso sistema social hoje parece obcecado em dividir o mundo em coisas de menino e coisas de menina, e decidido a não deixar os mundos se misturarem.

5. Você se sentirá infeliz, sozinha e abandonada após parir

Você se sentirá assim e essa percepção será real. Porque as pessoas em geral abandonam mesmo as mulheres assim que elas têm seus filhos. Depois que a parte da curiosidade social cessa, mães ficam confinadas com os bebês, largadas à própria sorte, enquanto a vida de todos continua, inclusive — na maioria das vezes — a do pai do bebê. Muitos amigos se afastarão, porque não saberão como se encaixar nessa nova fase da sua vida. As amigas que já são mães estarão envolvidas nos seus próprios problemas, que são muitos. Se você trabalha, vai sentir culpa e alívio ao término da licença-maternidade. Culpa porque uma parte de você vai querer estar ali para o seu bebê. Alívio porque você não aguentava mais o confinamento e estava ansiosa para voltar à sua forma humana. Aliás, culpa e alívio serão sentimentos conflitantes que te acompanharão para sempre em relação aos seus filhos.

6. O seu corpo vai mudar para sempre e talvez você nunca mais se aceite

Você receberá pressões absurdas em relação ao seu corpo. O seu corpo “perdido”. Você mal terá sa-

ído da maternidade e já vão te cobrar para que tenha seu corpo “de volta”. Vão querer enfiar você em uma cinta, quando ainda estiver tentando encontrar uma posição para sentar após o parto. Vão te pressionar a fazer exercícios, quando você mal consegue dormir. E vão fiscalizar o que você come. Talvez a única alegria que você tenha nesse momento da sua vida: comer. Mas o seu corpo agora é esse mesmo. Diferente do que era antes. Seu. Mas, como somos criadas em uma cultura que valoriza mulheres somente pela sua aparência e uma aparência adequada a um padrão cruel e impossível de ser alcançado, talvez você nunca mais goste completamente do que vê. Não por culpa sua. Não porque o seu corpo não é bom. Mas porque a sociedade e a indústria da beleza, que está sempre pronta para arrancar o seu dinheiro, estarão sempre ali a postos, te cobrando e te fazendo lembrar das estrias e da flacidez ou de qualquer outra coisa que não deveria ter importância nenhuma, afinal, pelo amor da Deusa, você está ocupada tentando manter um bebê vivo. O corpo do pós-parto, que é um corpo renovado porque fabricou um ser humano, deveria ser motivo de orgulho para cada mulher. Deveria ser não, é.

7. Você nunca mais será independente e autônoma

Essa é uma constatação muito dura. Depois de ter filhos, até que eles se tornem adultos, você nunca mais poderá se dizer independente. No sentido de que, sozinha, você não tem como dar conta de cuidar dos filhos, de si e do seu sustento ao mesmo tempo, então, sempre dependerá de alguém. Independente da sua situação financeira. Você dependerá de um parceiro que cumpra sua parte como pai e alivie sua carga de trabalho, te liberando para fazer outras coisas. Caso não exista esse parceiro, você dependerá da ajuda de amigos ou familiares. Caso tenha dinheiro, você dependerá da ajuda de mão de obra terceirizada. E é dependência mesmo, porque mesmo que você tenha um caminhão de dinheiro, você precisa de profissionais que cumpram a sua parte ali no acordo, já que não pode simplesmente deixar a criança sozinha amarrada ao pé da cama com um pote de ração do lado. Sua relação com o emprego vai mudar, porque você sabe que a inserção de mulheres-mãe no mercado de trabalho é muito mais difícil, então, talvez você se submeta a situações a que nunca se submeteria caso não tivesse filhos. Porque

antes era só você, e você se virava, e talvez passasse o dia só com um sanduíche de pão com manteiga na barriga. Mas agora você tem filhos e você não quer que eles tenham apenas uma refeição diária. Você se sentirá vulnerável e com o peso do mundo em suas costas e é um sentimento acertado. O Estado não oferece apoio para as mães pobres, para as mães trabalhadoras, os companheiros quase nunca cumprem seu papel de pai e marido como deveriam (isso quando estão lá), e é isso, por mais que você tenha rede de apoio, você terá que aturar muita coisa, simplesmente porque agora você tem um filho sob sua responsabilidade e isto te deixa vulnerável.

8. O seu relacionamento vai mudar, não necessariamente para melhor

O seu relacionamento com seu parceiro vai mudar. Este é um fato irrevogável. Pode ser para melhor ou pode ser para a pior. O seu companheiro pode simplesmente não dar conta da ideia de ser pai e ir embora. Ele pode agir feito uma criança e querer te fazer cobranças que você não tem como corresponder — muito sexo, por exemplo — e usar isso como desculpa para te trair. Ele pode fingir que nada está acontecendo e continuar

a mesma vida de sempre, enquanto você está afogada em um turbilhão de mudanças e sobrecarregada com as novas tarefas. Ele pode abraçar o projeto com você, como deveria ser, e tornar sua vida mais fácil e até prazerosa, e juntos vocês se descobrirem mais fortes e unidos. Mesmo assim será difícil: vocês não terão mais tanto tempo um para o outro. Você sentirá falta de como vocês costumavam ser. Você se sentirá carente muitas vezes. Você pode não sentir mais vontade nenhuma de estar com ele. Ou pode levar muito tempo até vocês se reencontrarem. Esta não é uma situação permanente, porque crianças crescem. E, uma vez que elas estejam mais autônomas, a vida vai voltando pro lugar. Mas é preciso muita maturidade para lidar com esse período e essas mudanças. Um filho pode ser uma oportunidade para que um casal cresça junto e a melhor opção é, desde a gestação, o casal conversar muito sobre as expectativas, procurar ouvir outros casais, chegar num entendimento de como vai ser a vida que os espera, saber que terão pelo menos uns 5 anos pela frente em que uma criança será o centro de tudo, até que vocês possam voltar a uma rotina mais ou menos própria. Filhos são uma

nova fase no relacionamento, o que essa nova fase reserva muitas vezes é uma caixinha de surpresas.

9. A maternidade é a arte de conciliar contradições internas e nem todos os sentimentos são publicáveis

Com a maternidade, você vai se deparar o tempo inteiro com sentimentos contraditórios dentro de si, nem todos publicáveis, principalmente porque há uma romantização enorme que fará você se sentir culpada por boa parte dos seus sentimentos. Mas, acredite, todas as mulheres sentem-se assim. Só que algumas reconhecem seus sentimentos, outras não. E quase todas negam. Para si mesmas e para os outros. A vontade de estar sempre junto ao filho, a necessidade de estar sozinha. O amor despertado pela presença da criança e pela nova vida que isso representa, a saudade da vida antiga sem tanto perrengue. A raiva por ter que se submeter a tanta coisa por causa da criança, a culpa por sentir raiva sabendo que a criança não tem nada a ver com isso. Transitamos o tempo todo entre o amor e a dor, com muita culpa causada por uma sociedade que responsabiliza mães por tudo, romantiza maternidade e não nos dá nenhum apoio. Seja generosa consigo mesma nesse

processo e saiba que todos os seus sentimentos são perfeitamente legítimos. Reconhecer os próprios sentimentos é estratégia importante para não transferir para os filhos frustrações (e puni-los) — que, sim, são recorrentes — com relação ao que a vida se tornou em função da difícil vivência da maternidade. Porque é fato que mulheres não têm culpa nesse processo, mas as crianças, muito menos. E, nessa equação mãe-filho, os filhos são os mais vulneráveis.

10. Ninguém liga para mães e crianças

Pois é. Isso é algo que você só descobre realmente depois que tem filhos. Na prática, ninguém liga para mulheres e crianças e há, inclusive, um sutil discurso de ódio em uma sociedade que é movida pela cultura do estupro e da pedofilia e é profundamente adultizada e etarista. Mulheres precisam de uma lei que as proteja para que possam amamentar seus filhos em paz onde necessitarem. Quantos equipamentos sociais existem adequados para receber mães com seus filhos? Transportes, áreas de lazer, restaurantes? Sair com crianças na rua é uma verdadeira operação de guerrilha. Se você não estiver bastante atenta, algo realmente sério pode acontecer, porque esta não é

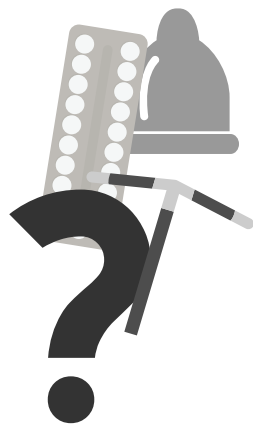
uma sociedade em que você transita sentindo-se acolhida, sabendo que a comunidade toda do entorno está zelando pelas suas crianças. Ao contrário, a comunidade é predadora e pode roubar o seu filho e vendê-lo na *deep web*. Tudo é pensado para receber pessoas adultas. Pessoas adultas que ainda torcem o nariz para crianças e pressionam os pais a discipliná-las, inclusive violentamente, para que “se comportem”, leia-se, para que não se comportem como crianças no espaço público. O discurso da sociedade em relação a crianças é autoritário, estimula a agressividade como forma de disciplina. Pais são incitados a uma síndrome de pequeno poder e muitos se tornam pequenos ditadores em relação aos seus filhos, em que a “imposição de limites” é a desculpa para a violência. A criança nasce e rapidamente tem início um esforço para que ela se torne adulta, sob a falácia de “tornar-se independente”. O bom filho é o filho independente. O que significa isso, afinal? Precocemente, crianças são treinadas para fazerem tudo sozinhas, dar o menor “trabalho” possível, se tornarem produtivas. Se tornarem adultas. E as mães, capatazes do patriarcado, seguem o baile. Igualmente desprezadas.

O QUE É MATERNIDADE

NA NOSSA SOCIEDADE, A IDEIA DE QUE AS MULHERES DEVEM SER MÃES PREVALECE.

SER MÃE É PRATICAMENTE UMA OBRIGAÇÃO DA MULHER. PODE PARECER EXAGERO, NUM PRIMEIRO MOMENTO, PORQUE NORMALMENTE NINGUÉM ESTÁ COAGINDO FISICAMENTE AS MULHERES A PARIREM ("NORMALMENTE" PORQUE EXISTEM, SIM, CASOS DE MATERNIDADE FORÇADA DIRETAMENTE), MAS AQUI FALAMOS DE ALGO QUE A CULTURA IMPÕE.

NOSSA SOCIEDADE COLOCA A EDUCAÇÃO SEXUAL COMO UM TABU E O ABORTO COMO UM CRIME. AS PESSOAS, DE MODO GERAL, NÃO SABEM COMO UTILIZAR OS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS (NEM SABEM QUE ELES NÃO SÃO 100% SEGUROS) E O RESULTADO DISSO SÃO VÁRIAS GRAVIDEZES INDESEJADAS. ASSIM, MUITOS PARTOS SERÃO OBRIGATÓRIOS, VISTO QUE A MULHER NÃO PODE SIMPLEMENTE OPTAR DE FORMA SEGURA POR NÃO CONTINUAR A GESTAÇÃO.



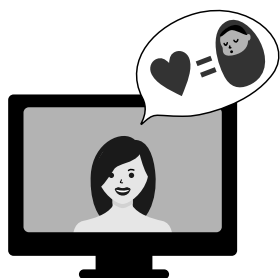
DE MANEIRA MAIS SUTIL, EXISTE UM CONDICIONAMENTO PARA QUE AS MULHERES DESEJEM SER MÃES, DE FORMA GERAL.



DESDE PEQUENAS, SOMOS TREINADAS PARA SERMOS MÃES. COM NOSSAS BONECAS, BRINCAMOS DE DAR MAMADEIRA, DE TROCAR A FRALDA, DE COLOCAR PARA DORMIR... APRENDEMOS A LIDAR COM BEBÊS DESDE CEDO, E OS MENINOS, NÃO, FORA O FATO DE QUE MENINAS CUIDAM MUITO MAIS DE SEUS IRMÃOS MAIS NOVOS DO QUE OS MENINOS. NÃO É ALGO NATURAL IMPRESSO EM UM "GENE FEMININO", É ALGO APRENDIDO PELO TREINAMENTO.

ADE COMPULSÓRIA?

ALÉM DISSO, TEMOS TODA UMA CULTURA QUE INCENTIVA A MATERNIDADE, QUE COLOCA QUE SER MÃE É A MELHOR COISA DO MUNDO, QUE O AMOR MATERNO NÃO TEM PARALELO, E QUE, SE UMA MULHER NÃO TEM FILHOS, ELA É DE ALGUMA FORMA INCOMPLETA.



ISSO É FALADO TANTO NA MÍDIA COMO NOS NOSSOS CÍRCULOS SOCIAIS. PRESTE ATENÇÃO E VEJA COMO ISSO APARECE NA FALA DA ARTISTA MÃE DANDO ENTREVISTA SOBRE MATERNIDADE, NAS CONVERSAS DE SUAS AMIGAS OU PARENTES SOBRE O ASSUNTO, EM VÁRIOS ENREDOS DE FILMES, QUE MOSTRAM MULHERES BEM-SUCEDIDAS QUE NUNCA ESTÃO FELIZES O SUFICIENTE, QUE PRECISAM ENCONTRAR O AMOR E FORMAR UMA FAMÍLIA.

É COMO SE FOSSE ALGO MÁGICO, QUE TRANSFORMA A MULHER DO DIA PRA NOITE E QUE VOCÊ TEM QUE TENTAR. O QUE NOS DIZEM É QUE SER MÃE É ESTAR NO PARAÍSO E VOCÊ NUNCA VAI SABER O QUE ESTÁ PERDENDO ATÉ QUE EMBARQUE NA MAIOR AVENTURA QUE UMA MULHER PODE TER.



E, SE VOCÊ DECIDE NÃO TER FILHOS, APARECEM AS COBRANÇAS. A SOCIEDADE NÃO ACEITA MUITO BEM UMA MULHER QUE DECIDIU NÃO SER MÃE, INVENTAM BOBAGENS COMO O TAL DO "RELÓGIO BIOLÓGICO" E FICAM COBRANDO, DIZENDO QUE VOCÊ VAI SE ARREPENDER Cedo OU TARDE, PRESSIONANDO A MUDAR DE IDEIA O TEMPO TODO. ASSIM, É MUITO DIFÍCIL SABERMOS SE A VONTADE DE SER MÃE É REALMENTE UM DESEJO GENUÍNO OU É UMA IMPOSIÇÃO SOCIAL E, POR ISSO, A MATERNIDADE É COMPULSÓRIA.



NOSSA CULTURA DESUMANIZA MULHERES, REDUZINDO-AS A REPRODUTORAS E NÃO REPRODUTORAS

Mulheres são aprisionadas por uma cultura que nos divide grosseiramente em grupos de mães e não-mães, não podemos cair nessa armadilha de desumanização de nós mesmas

Por: Glosswitch, para o New Statesmen America

Tradução: Anna Beatriz Saraiva

Recentemente, minha mãe me contou que encontrou um dos meus ex-professores da escola primária. Como é típico dela, isso envolveu um excessivo vangloriamento: “Eu contei sobre todos seus títulos e sobre seu trabalho, e ele falou ‘eu sempre soube que ela era inteligente’, e eu falei que ele estava certo, pois você ainda teve filhos e era normal”.

Na hora, isso me fez rir. Deus proibiu uma mulher de ter títulos demais para ser “normal”! Ao mesmo tempo, eu sabia exatamente o que ela quis dizer e por que ela disse aquilo. Ela precisava assegurar às pessoas que eu não tinha me tornado uma “daquelas” mulheres; não deixei a universidade entrar na minha cabeça e não esqueci minha função principal. Eu posso rir o quanto quiser, mas parte de mim sabe que isso importa. Gostando ou não, sou julgada pelo meu valor reprodutivo, e eu atendi às expectativas.

Perante isso, mesmo que eu não tenha dinheiro, fama e *status*, eu tenho vantagem sobre mulheres como Jennifer Aniston e Kylie Minogue. Coitadas! Tanto sucesso e ainda assim esqueceram o básico! Jennifer Aniston pode afirmar o quanto quiser que “fez nascer” e “foi mãe” de vários projetos — mas ela ainda é vista como se tivesse “fracassado”. Como escreveu Barbara Ellen na revista *Observer*, em resposta à recente defesa de Aniston do seu *status* de mulher sem filhos, “as mulheres sem filhos, particularmente quando passaram de sua idade fértil, são vistas como

dispensáveis, murchando, em falta”. Como mãe, eu posso, é claro, me sentir orgulhosa, encarando isso como uma recompensa por todas as noites mal dormidas e fraldas sujas; pelo menos uma vez, eu ganhei! No entanto, se eu for honesta, essa vitória é uma ilusão. Em uma cultura que reduz todas as mulheres a reprodutoras e não reprodutoras, como alguma de nós pode vencer?

É tentador dizer que isso é uma tensão entre mães e mulheres que não querem filhos. Eu acredito, todavia, que precisamos de um contexto mais amplo: todas as mulheres são julgadas pela sua função reprodutiva, independente de terem filhos ou não. A história de “fracasso” de Jennifer Aniston se situa ao lado de inúmeras outras nas quais o valor da mulher é marcado pelo conteúdo de seu útero: a executiva de alto desempenho descrita na imprensa como “mãe de três”; a vítima de estupro que teve aborto negado pois sua humanidade não pode competir com a vida em potencial dentro dela; as milhões de mulheres que depois da menopausa se tornaram invisíveis, enquanto seus homens, em contrapartida, progridem. Todas nós somos julgadas pela nossa capa-

cidade de reprodução e, independente do que façamos — quer tenhamos filhos ou não —, o fato é que todas somos julgadas desta maneira que nos diminui.

Feministas radicais argumentariam que o patriarcado procura controlar o trabalho reprodutivo das mulheres. Para muitos, isso pode soar exagerado, pois alguém pode imaginar mulheres literalmente produzindo como gado, o que claramente não está acontecendo (embora casamentos forçados e estupros em massa possam ser entendidos como tendo uma função similar). Em países mais liberais, a disponibilidade de métodos para controle de natalidade, junto à frequente alegação duvidosa de que o aborto é disponível gratuitamente, tem sido usada como argumento para afirmar que as mulheres não estão mais amarradas pela sua biologia. O controle do trabalho reprodutivo das mulheres pode um dia ter sido um problema, mas agora, dizem, é coisa do passado. Como muitas, cresci acreditando que a maternidade, mesmo que limitante, ao menos era uma escolha da mulher. Mas, como as reações a mulheres como Aniston e Minogue mostram, ela não é.

Mãe ou não, a maternidade é colocada à sua frente. A existência de controle de natalidade ainda nem sequer nos permitiu sermos vistas como pessoas autossuficientes; nós só podemos escolher entre sermos vistas como mães ou não-mães. Da mesma forma, somos definidas

pela nossa capacidade de gerar outra pessoa, alguém que pode valer mais que nós, somos insuficientes por nós mesmas.

Pode soar como uma fala de uma mãe fora de moda, mas acredito que isso é algo que as feministas mais jovem falham em reconhecer. Esse é um fenômeno



que só entra realmente em cena uma vez que você tem filhos ou quando percebe que está ficando sem tempo para ter um. Quando você é jovem, pode supor que ninguém a está julgando como uma mulher pré-grávida, mas a verdade é que já definiram você assim. Seu potencial reprodutivo

não precisa ser discutido, até que você engravide ou chegue aos 35 anos sem ter engravidado.

As pessoas podem viver sob um preconceito escondido até a “verdade” sobre seu destino reprodutivo se tornar uma questão inevitável. Enquanto isso, você pode fingir que a capacidade de



gestação não tem nada a ver com a opressão das mulheres no século XXI, mas estaria errada. Tem tudo a ver. Esse (talvez reprodutivo) recipiente dentro de nós — esse útero — oferece algo que não podemos: humanidade. Desumanizadas, existimos apenas para carregar esse potencial. Não há vida suficiente em nós para dizermos “não, eu não quero esta gravidez, me deixe apenas ser”, “sem filhos, eu já sou completa” ou “depois da menopausa, eu continuo tendo um potencial de criação”. Ou melhor, estamos dizendo todas essas coisas, mas não somos ouvidas.

A crença de que mulheres são, lá no fundo, só úteros ambulantes está ao nosso redor, ainda é difícil para mulheres desafiarem-na juntas e de forma coerente. Em vez disso, somos colocadas umas contra as outras. Quando mulheres sem filhos discutem seus casos, parte de mim fica ansiosa e não quer ouvir. Preocupo-me que essas mulheres me vejam como conservadora, sem pensamento independente, totalmente absorta em fraldas, desenhos infantis e mais nada. Talvez, também, essas mulheres me vejam como arrogante, alguém convicta de que as que não possuem filhos não podem conhecer o verdadei-

ro significado da existência (o que quer que isso signifique). Mesmo que ter filhos faça uma diferença enorme nos aspectos práticos da vida de alguém, a divisão ideológica entre mães e não-mães é uma imensa ilusão. Quando conversamos umas com as outras, descobrimos que continuamos tão diversas como sempre, todas nós somos presas por uma cultura que nos divide cruelmente nos grupos de mães e não-mães. Não deveríamos cair nessa armadilha de desumanizarmo-nos só porque foi isso que fomos encorajadas a fazer.

É absurdo que mulheres como Jennifer Aniston sejam vistas como tendo vidas incompletas, caindo no esquecimento no momento em que se torna óbvio que — pasmem! — podem nunca reproduzir. É absurdo, também, que coloquem um valor tão alto no conteúdo do útero de uma mulher que foi abusada, que esqueçam completamente sua humanidade. Como mulheres, precisamos enfrentar isso juntas. Não somos simplesmente “as grávidas” e “as que não querem filhos”. Nossas histórias se estendem para além da geração ou não geração de outros. Somos completas em nós mesmas e merecemos ser vistas como tal.



ABORTO ESPONTÂNEO E MATERNIDADE COMPULSÓRIA – AS FERRAMENTAS DE CULPABILIZAÇÃO DAS MULHERES

Tornar um evento natural um tabu dificulta o acesso à informação e pune as mulheres que o sofrem

Por: Mariana Amaral

Aborto espontâneo é um tema pouco abordado por vários motivos. O fato de vivermos em uma sociedade que considera a maternidade o ponto máximo da realização do sexo feminino — e uma obrigação a ser atendida por meio de coerção, abuso e controle reprodutivo — faz do abortamento espontâneo uma “marca das incapazes”. Afinal, se a maternidade é um idílio a ser almejado por todas, àquelas que, por causas naturais, não conseguiram levar a gestação até o final, sobra o silêncio e a culpa. Mas, enquanto feministas, precisamos estar atentas para as estruturas envolvidas no processo de formação desse tabu.

É importante lembrar que o abortamento espontâneo pode acontecer por inúmeras causas: desde má-formação do embrião durante a concepção e problemas genéticos, até uso de medicamentos durante a gravidez e estresse; todos esses motivos podem levar uma mulher a perder a gestação. Em torno de 60% dos casos, os embriões apresentavam alguma má-formação ou alteração genética e foram eliminados naturalmente, o que nos leva a crer que o aborto espontâneo é muitas vezes causado por uma seleção natural do próprio organismo: o embrião que não teria condições de sobreviver fora do útero é descartado pelo próprio corpo precocemente. Até as 12 primeiras semanas de gravidez, cerca de 30 a 40% dos embriões são abortados naturalmente, muitas vezes até mesmo sem conhecimento da gestante, que pode considerar o abortamento como uma menstruação um pouco fora do comum.

Natural e randômico, o abortamento natural pode ser sentido de diversas formas, variando de mulher para mulher. Como disse acima, exis-

tem os casos das mulheres que abortam e não percebem, das que descobrem que estavam grávidas no momento do abortamento, das que sentem uma variação hormonal e uma menstruação atípica, e das que desejavam a gravidez e se decepcionam com sua interrupção. Existem mulheres que sofrem o aborto espontâneo pela metade, em que o descarte do material embrionário não se completa, e têm que recorrer à curetagem para completar o procedimento. Independente da maneira como uma mulher experimenta a situação do aborto natural, as questões psicológicas que atravessam o assunto são geralmente mais delicadas e profundas do que o evento físico.

Por quê? Um motivo aparente é o fato de o aborto provocado ser proibido no Brasil. Se gestações indesejadas não podem ser interrompidas e são tratadas como crime, o aborto natural, que geralmente acontece durante o mesmo espaço de tempo em que o aborto provocado é recomendado (as primeiras 12 a 14 semanas), se torna mal visto e passível de desconfiança. Mulheres em situação de abortamento natural muitas vezes são assediadas quando procuram os serviços médicos, e sujeitas à violência obstétrica como

punição por terem perdido uma gravidez. Algumas são inclusive questionadas por autoridades até poderem comprovar a naturalidade do aborto. Em alguns lugares do mundo, o controle reprodutivo dos corpos femininos é tão acirrado que mulheres podem ser presas por terem sofrido aborto espontâneo, como foi o caso de Teodora Vásquez, em El Salvador, encarcerada por 10 anos por ter perdido uma gravidez. Mesmo sem penalizar o aborto espontâneo, a criminalização da interrupção intencional da gravidez no Brasil ajuda a tornar o aborto espontâneo um evento traumático psicologicamente para mulheres e a permitir tratamento desumano por parte dos médicos e dos serviços de saúde em geral.

Outro motivo é social: o patriarcado, enquanto sistema global, exige que mulheres sejam programadas para gestar. A maternidade é compulsória, ou seja, é imposta a todas as mulheres como a grande realização do sexo feminino. Quem não atinge esse objetivo é vista socialmente como “menos mulher”. Nessa lógica, o aborto natural é tratado como uma falha feminina, uma grande perda. Isso ignora o fato de que mulheres podem simplesmente se



sentir aliviadas de que uma gestação não se complete, principalmente as que não planejavam ou não desejavam a gravidez de antemão. Essa é uma narrativa à qual não temos acesso, porque assumir esse alívio seria ir contra a expectativa comum de que uma mulher sofra com o aborto espontâneo. É claro que algumas sofrem, mas outras não. Encarar o abortamento natural como o evento que ele é, natural, ainda é um desafio na nossa sociedade, e para muitas, motivo de culpa. Mas essa culpa tem suas raízes na compulsoriedade da maternidade, e não em uma falha pessoal da mulher.

Dito isso, quero propor um olhar humanizado e desmistificado sobre o aborto espontâneo. Pergunte às mulheres que você conhece, e que já passaram por isso, como foi a experiência, quais foram os impactos físicos e psicológicos, e aprenda a perceber como as noções de maternidade compulsória podem estar presentes. Naturalizar uma questão natural é a forma mais simples de se encarar um evento comum, e falar sobre o assunto pode ajudar a remover o tabu e as compreensões conservadoras. Tudo que acontece no corpo das mulheres é pauta feminista.



DE UM CORPO QUE É SÓ SEU

E das transformações que uma gestação traz

Por: Cila Santos

Quando nascemos mulher, a demarcação do nosso corpo como um objeto de beleza e apreciação (não admiração) é uma coisa completamente naturalizada. A partir do momento em que o médico informa nosso sexo feminino aos nossos pais, todo um arsenal começa a ser providenciado para que nos apresentemos à sociedade sempre belas e recatadas. “Sexy sem ser vulgar”.

Quando somos recém-nascidas, nossas orelhas são perfuradas, a despeito da dor, do desconforto e da nossa incapacidade de expressar consentimento, porque precisamos rapidamente informar ao mundo que somos meninas. Nos anos seguintes, os demais marcadores estéticos vão se apresentando um a um: como devem parecer nossos cabelos (graciosos, bem penteados, cheios de acessórios, “domados”), como devemos estar vestidas (tons pastéis, tecidos flutuantes, vestidos, saias, “como uma princesa”), como devemos nos comportar (sem correr, sem gritar, pernas fechadas “como uma mocinha”).

Pré-púbere, o corpo feminino já está “pronto” para ser rifado e impiedosamente é empurrado a se apresentar como “feito”, sexualizado. A sensualidade precoce é glamourizada, cobiçada (“novinha”, “ninfeta”, “Lolita”). E as adolescentes sofrem, adoecem, se mutilam, se suicidam, caso não se encaixem no padrão imposto de como devem se parecer. Ser “bonita”, essa característica que toda menina aprende que é a principal qualidade de uma mulher, que é o seu grande atributo e atrativo, é o principal (e muitas vezes único) elogio que uma mulher recebe por toda sua vida. Ser “bonita”. Que quer dizer, na verdade, ser um objeto sexualmente atrativo para outros homens.

Por toda a vida, a mulher aprende que o próprio corpo não lhe pertence. Que ele existe para atender expectativas de outras pessoas. Da sociedade. Dos homens. E ela paga, literalmente, um preço alto por essa

aceitação social. Para se adequar ao que é considerado correto sobre como uma mulher deve parecer. Todas ou quase todas as intervenções que são feitas rotineiramente no corpo feminino envolvem algum nível de dor, desconforto, privação, custo financeiro, tempo: manicure, pedicure, tratamento facial, tratamento corporal, maquiagem, depilação, tratamentos capilares, tinturas, dietas, preenchimentos diversos, enchimentos, implantes. Um cardápio diversificado de cirurgias plásticas estéticas: na face, seios, barriga, pernas, nádegas, mãos, pés, vagina. Nenhuma parte do corpo feminino está livre de policiamento.

Somos doutrinadas para agir assim, achar normal, achar que é “porque gostamos”, “porque queremos”. Estar “bem”, na verdade é estar “bela”. E não suportamos a ideia de não sermos bonitas o bastante. Nossa estima é construída em torno disso. Para delírio do mercado. Que tudo vende para alimentar essa necessidade construída. Vivemos o eterno dilema entre a repulsa por sermos objetificadas e a necessidade de sermos queridas. Sendo que não há aceitação possível para uma mulher em uma socie-

dade machista como a nossa que não passe pela objetificação de seu corpo.

E o que acontece quando a mulher engravida? Quando esse corpo, que a sua vida inteira não lhe pertenceu de fato, se transforma radicalmente e sua principal função, pelo menos temporariamente, muda? O que acontece com a mulher quando deixa de ser prioritariamente um objeto de consumo sexual para ser um corpo que gesta outro?

Note que, apesar de a função do corpo feminino mudar com uma gestação, a tutela não cessa. Só se reconfigura. Toda a sociedade se encarrega de vigiá-la para que se cumpra as regras implícitas que estão muito bem demarcadas para a maternidade. O que vestir, o que comer, como se sentir, como se comportar, o que comprar. Já está tudo pré-definido, assim como os limites até onde ir: o quanto engordar, como não adquirir estrias, ou manchas. E esse corpo que gesta também não é só da mulher. Ele é um binômio mãe-bebê. Indissociável. Um duplo.

Mas então finalmente o bebê nasce. E o corpo é devolvido à mulher. Irreconhecível, transformado. Que nunca mais será

como foi. Um híbrido que não tem mais a função da gestação e tampouco um corpo que atende ao padrão de objeto sensual.

O corpo depois dos filhos é outro. Que pode ter diástase. Barriga. Estrias, flacidez, manchas. Que pode ter cicatrizes. Seios diferentes. Que ostenta as marcas da batalha da gravidez.

A sociedade rejeita e repele esse corpo novo. O que vemos nas revistas, sites, televisão, são mulheres que parecem as mesmas de antes de engravidarem. Como se nunca tivessem parido. A pressão para recuperar o corpo “perdido” é absurda e as mulheres vivem um verdadeiro luto por conta da “perda” desse corpo. E são estimuladas a terem asco de si mesmas após o parto em vez de ficarem maravilhadas com sua própria biologia e o que ela é capaz de realizar.

Mas esse tal corpo “perdido” que era destinado a ser apreciado e sexualmente desejável pertencia de fato à mulher? A quem se destinam tantos rituais de feminilidade e beleza? Para agradar a quem? Para os olhos de quem? Precisamos mesmo disso?

E se, nesse caminho entre uma coisa e outra, em meio à barriga flácida, às marcas, às

olheiras, aos seios inchados, nesse momento em que não se tem mais tanto tempo para se ocupar dos rituais de feminilidade, talvez (e repito, apenas talvez) houvesse uma janela de oportunidade para repensar a relação com o próprio corpo? De se reapropriar de si mesma? Nem que seja por esse instante. Não é pouca coisa, numa vida inteira de objetificação.

O corpo do pós-parto é um corpo transgressor que grita aos quatro cantos que aquela mulher gestou uma vida. É um corpo que deveria ser orgulhoso e não envergonhado. Reapropriado, onde cada marca, cada dobra tem uma memória que é só sua. Metamorfosoado.

Mulher, esse corpo é teu. Orgulhe-se dele. É um corpo que fez outro ser humano das suas próprias células. Que acomodou no ventre um bebê em crescimento pleno de si, o alimentou, o aconchegou e o pariu. Não percebe como isso é fantástico? Como não amar esse corpo? Como não achar isso belo?

Não vamos seguir deixando que os homens nos validem segundo seus desejos. Nós não somos meros objetos de apreciação estética. De desejo sexual.

Nossos corpos têm valor para além dos padrões de beleza. Sim, é muito difícil romper com isso. Mas podemos tentar fazer isso por nós mesmas. Nos emancipar da validação masculina é tomar nosso corpo de volta.





PARE DE DIZER QUE LEITE MATERNO É DE GRAÇA

As estruturas dos nossos locais de trabalho tornam a amamentação extremamente custosa para mulheres e não reconhecem seu valor monetário

Por: Zuzana Boehmová, para o Slate

Tradução: Aline Rossi

Antes que a tontura das endorfinas e das drogas desapareça, uma consultora de amamentação marcha maternidade adentro para dar uma palavra de apoio a uma mulher que acabou de parir: que ela também é capaz de amamentar seu recém-nascido e que isso é, sem dúvida, o melhor caminho para a mãe e para o bebê. Enquanto pressiona o seio da nova mãe para demonstrar a pega correta, a consultora ressaltará os benefícios únicos do leite materno e irá, em algum ponto, estipular ainda que o leite materno não só é melhor para a saúde do bebê, mas também para o bolso da mãe. Diferente da fórmula, ela dirá, amamentar é grátis.

Se você, como eu, gastou milhares de horas amamentando uma criança, talvez arqueie sua sobrelanceira sonolenta por causa desse último ponto. Só é grátis se o seu tempo não vale nada. E, ainda assim, só é grátis se fizermos vista grossa a algumas realidades econômicas óbvias.

A relação entre dinheiro e amamentação não é novidade. Na França do século XIX, por exemplo, milhares de recém-nascidos eram enviados, de trem, a partes remotas do país, geralmente partindo de Paris, para os cuidados de amas de leite que os amamentavam em troca de dinheiro e deles tomavam conta. Muitos bebês morreram no caminho ou sob cuidados das amas, que estavam sobrecarregadas de trabalho e não conseguiam atender a todos. Mesmo assim, terceirizar a amamentação era considerada uma necessidade financeira para muitas famílias, já que era mais barato do que substituir a mãe na loja da família. Isso soa como um artefato cínico e horrível de muito tempo atrás?

Considere isto: hoje, nos EUA, um quarto das mães retorna ao trabalho menos de 2 semanas após dar à luz. Antes que as lágrimas do parto ou as cicatrizes das cesáreas estejam curadas, muitas mulheres estão deixando seus recém-nascidos aos cuidados de outra pessoa, normalmente por uma necessidade econômica. Para amamentar, elas têm duas opções: comprar fórmulas caras para uma cuidadora alimentá-los; ou, se ela quiser e puder, fazer pausas para se ordenhar durante as horas de trabalho, gastar (as inexistentes) horas de descanso à noite para fazer suplementos, armazenar, congelar e transportar esse leite e encontrar tempo para limpar, higienizar e manter a bomba de tirar leite. Nenhum país no mundo chega nem perto dos EUA na proliferação de bombas de ordenha. Dadas essas restrições, não é surpresa que é menos provável que os bebês de mães que vivem próximas à linha de pobreza ou abaixo dela sejam alimentados exclusivamente por leite materno nos primeiros seis meses, do que aqueles de mães mais ricas.

Mas os obstáculos não acabam aqui. Como alguém que cresceu na Europa, percebi um

impressionante paradoxo depois de ter filhos aqui nos EUA: a amamentação é fortemente estimulada, ainda assim dificilmente há tempo de verdade para amamentar se você é uma mulher que precisa trabalhar (ou seja, a maioria das mães). Toca aqui se você é uma das sortudas que bombeia leite perfeitamente durante ligações de reuniões, no seu escritório privado com total controle sobre a agenda das reuniões e no tempo conveniente para ordenhar — quando você também está, presumivelmente, relaxada e bem hidratada! No geral, porém, embora os locais de trabalho supostamente devam providenciar para as mulheres intervalos e todo o aparato necessário para amamentarem, o empregador não é obrigado a lhes pagar pelo tempo gasto ordenhando, e locais com menos de 50 funcionários podem alegar que essas pausas impõem “dificuldades indevidas” e não providenciar qualquer acomodação para a mulher.

E a realidade é que, mesmo nas melhores circunstâncias, ordenhar e amamentar não são a mesma atividade: muitas mulheres que fizeram do som rítmico da extração do leite uma parte integral do seu dia de trabalho irão

te dizer que sua produção de leite começou a diminuir com o tempo, e que elas acabaram tendo de suplementar o leite materno com a fórmula. Em outras palavras, elas tinham um recurso que não eram capazes de manter.

Então, como nós podemos assegurar que a amamentação seja realmente valorizada e protegida para mulheres que querem amamentar? Uma maneira seria tornar o valor financeiro do leite materno para nossa economia mais visível.

A produção de leite humano — inclusive o leite que é extraído para ser vendido ou doado — ainda não é contabilizada no PIB em qualquer país, apesar de a Noruega calcular a produção de leite materno nas suas estatísticas de alimentação anuais. Tratando o leite materno como uma “mercadoria alimentícia”, um estudo¹ de 2013 na Austrália tentou quantificar a perda potencial de valor econômico causada por não proteger a lactação das mulheres das pressões competitivas do mercado. Usando as diretrizes do Sistema de Contabilidade Nacional das Nações Unidas e as abordagens de avaliação econômica convencionais para medir a produção, forneceu uma estima-

tiva de “valor do leite” de um ano para a Austrália (\$ 3 bilhões) e para a Noruega (\$ 907 milhões). O estudo observa que os Estados Unidos têm o potencial de produzir leite materno no valor de mais de US\$ 110 bilhões por ano, embora atualmente quase dois terços desse valor sejam perdidos devido ao desmame precoce.





Contudo, esses valores são enganosos, pois se concentram na produção, e não incluem o custo de tempo de amamentação para as mulheres.

O mesmo estudo observa que o tempo gasto com a amamentação (e, por extensão, bombeamento e todas as pequenas tarefas que o acompanham)

deve ser quantificado, mas devido a dados de uso de tempo inadequados, simplesmente não conhecemos os números finais que poderiam orientar as políticas econômicas. Por sua vez, não ter números sólidos para trabalhar reduz a importância percebida de quaisquer programas e regulamentos que protejam e apoiem a alocação de tempo para as mulheres alimentarem seus bebês.

Pouquíssimas pesquisas quantitativas foram feitas para examinar como a amamentação impacta o *status* econômico das mulheres, apesar de ser um dos exemplos mais comuns de trabalho reprodutivo não remunerado. Um estudo realizado nos EUA em 2012, por Mary C. Noonan e Phyllis L. F. Rippeyoung², joga uma luz sobre o assunto: entre as mulheres que estavam empregadas no ano anterior ao primeiro parto, aquelas que amamentaram durante seis meses ou mais experimentaram um declínio mais acentuado em seus rendimentos anuais, em média, do que as mães que amamentaram por períodos mais curtos ou nem sequer amamentaram. Por quê? Diferente do que acontece em outros países desenvolvidos, mães de crianças muito pequenas

nos EUA geralmente trabalham fora de casa. Os autores observaram que o direito de fazer pausas para amamentar seus bebês não contempla a maioria das mães e, como resultado, mães que amamentam por seis meses ou mais são mais propensas a trocar seu trabalho por trabalhos de meio período ou a deixarem o trabalho por completo. Isso significa que a falta de reconhecimento do valor do leite materno não só contribui para a desigualdade das classes, mas também está ligada à desigualdade sexual nos salários e no mercado de trabalho.

Embora os benefícios à saúde pública e a economia de gastos em saúde pública a longo prazo devidos à amamentação sejam amplamente reconhecidos, a amamentação exige enorme investimento de tempo materno que tem outros custos não reconhecidos. Embora as crianças não estejam sendo levadas de trem ao redor do país, nossa atual condição de aleitamento é desumana e dispendiosa.

Uma vez que reconhecemos esses custos humanos e financeiros, o caminho a seguir é claro. Sempre que possível, os locais de trabalho sérios em relação a manter o trabalho femini-

no devem ir além de permitir e acomodar intervalos de ordenha e introduzir cuidados acessíveis no local para que as mães possam fazer pausas para amamentar enquanto trabalham. Quando isso não for possível, há outra maneira simples de compensar os custos associados à amamentação. Aquela que tem sido uma ótima prática internacional e que os EUA ignoram há décadas: licença parental paga para todos os pais que trabalham; licença da ordem não de semanas, mas de meses. Ou, ainda melhor, enquanto a amamentação for necessária. A licença parental paga não só oferece às novas mães a opção de fornecer leite materno para seus bebês, mas começa a compensá-las financeiramente por uma pequena fração do trabalho reprodutivo não remunerado que elas farão para nossa sociedade nos anos por vir.

1. SMITH, Julie. "Lost Milk?" **Counting the Economic Value of Breast Milk in Gross Domestic Product**. Journal of human lactation: official journal of International Lactation Consultant Association, 2013.
2. RIPPEYOUNG, Phyllis L. F., NOONAN, Mary C. **Is Breastfeeding Truly Cost Free? Income Consequences of Breastfeeding for Women**. American Sociological Review n° 77, 2012.



“MÃES NARCISISTAS”, UM OLHAR FEMINISTA

Por: Melina Bassoli

A psicanálise adora culpar as mães por tudo. Tem feito isso desde que nasceu. Freud, sempre que pôde, descreveu razões “científicas” do porquê de as mulheres serem seres inferiores aos homens... Vai também “explicar” porque as mães preferem meninos, visto que, para ele, as mulheres têm inveja do pênis, e os filhos seriam substitutos para o falo que “falta” a elas... A menina assim cresce também com inveja do pênis e culpa principalmente a mãe por seu “defeito”... E, por fim, mãe e filha acabam tendo uma relação de abandono, frustração e hostilidade que pode beirar o ódio¹... E assim continua progredindo o campo da psicanálise... Dentro desse paradigma, um novo termo tem sido usado: mães narcisistas.

A ideia é que a mãe narcisista é uma mulher que tem um distúrbio que a faz não conseguir dedicar sua atenção aos seus filhos (especialmente às suas filhas), e crer que o mundo gira em torno do seu umbigo. Ela se faria de vítima, baixaria a autoestima dos seus filhos e seria responsável por uma família disfuncional². E, claro, como a psicanálise costuma fazer, isso constituiria uma patologia, visto que desvia do comportamento que se considera ser o natural de uma mãe.

Nada disso faz sentido dentro de uma análise feminista, que considera a materialidade na análise social.

O que a gente tem, de fato, é uma sociedade que espera que as mães sejam perfeitas e devotadas aos seus filhos. Uma sociedade que joga nos ombros das mães a responsabilidade sobre a criação dos filhos, e as transforma em culpadas de qualquer coisa que possa sair do esperado. A sociedade também espera que as meninas sejam mais responsáveis que os meninos, além de ser mais controladora em relação ao comportamento das meninas. E as mães, que são as grandes responsáveis pela criação dos filhos, segundo os padrões sociais, tendem a cobrar mais das meninas de fato, o que pode vir a tornar a relação hostil.

A partir disso, e sabendo que vivemos numa sociedade onde a maternidade é compulsória³, é claro que teremos com bastante frequência mães consideradas imperfeitas, mas isso não significa que esse desvio do comportamento esperado seja uma doença.

A sociedade odeia as meninas

É inegável que temos meninas que se ressentem de seus pais e especialmente de suas mães. Dentro de casa, os pais exercem controle sobre seus filhos muitas vezes de modo tirânico. Sentem as crianças como suas propriedades ou extensões de si mesmos, e não conseguem enxergá-los como outros seres humanos.

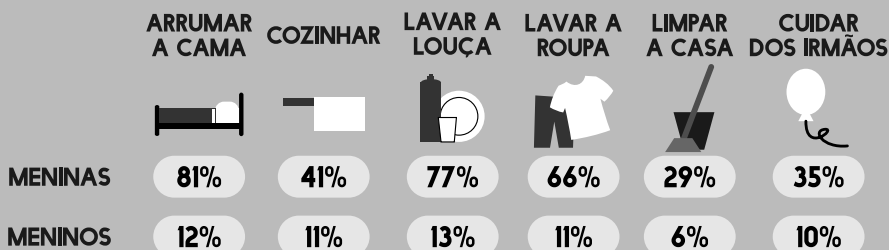
Apesar de isso acontecer com todas as crianças, criamos meninas e meninos de forma diferente no patriarcado. Isso para além das coisas óbvias, como ves-

ti-los de rosa e azul segundo seus sexos. Meninas são criadas com muito mais controle. Por mais que os pais possam ter em vista protegê-las, as consequências podem ser bem ruins. Elas aprendem a sentir medo desde muito jovens, e podem não se desenvolver de forma saudável, porque reprimirão seus pensamentos e comportamentos.

Além disso, forçamos as meninas a serem mais responsáveis que os meninos. Delegamos a elas muito mais responsabilidade.

As meninas, desde cedo, aprendem a cuidar da casa e das crianças, enquanto os meninos estão fazendo suas coisas de criança. Quando as meninas erram em alguma coisa, rapidamente queremos corrigir o comportamento delas, porque, sim, controlamos mais o comportamento das meninas⁴... “Não faz isso, você já é mocinha... Não senta assim... Não fale essa pa-

PORCENTAGEM DE MENINAS E DE MENINOS QUE REALIZAM TAREFAS DOMÉSTICAS



Dados: Plan Brasil, Casamento na Infância e Adolescência no Brasil (2014)

lavra...”. E quando um menino falta com suas responsabilidades, tendemos a desculpar com muito mais facilidade. Precisamos de uma educação em que o sexo não determine a educação que a criança recebe, para que tenhamos uma sociedade em que nem meninas amadureçam precocemente e nem meninos tornem-se homens irresponsáveis.

Um estudo⁵ que lista o que seriam as diferenças entre as características psicológicas das crianças por sexo diz que as meninas são mais sensíveis, conformadas com as pressões sociais, responsáveis pelo ambiente em que estão, passíveis de serem controladas socialmente, esforçadas a fim de agradar os outros e ansiosas. Apesar de podermos observar essas características nas meninas com mais facilidade, devemos ter em mente que nenhuma delas é inata ao sexo feminino, são todas adquiridas pela socialização.

As meninas são corrigidas o tempo todo. Esperamos que elas adquiram comportamentos condizentes com a realidade do que é ser mulher, sabendo como se comportar, como se vestir e como falar. Deixar isso das meninas prejudica a infância delas, porque as forçamos a amadurecer mais cedo. Como a grande responsável pela criação dos filhos é a mãe, dentro da ideia que

temos hoje de família em quase todas as sociedades, é ela que vai demandar com mais frequência essas posturas da filha. O que vai prejudicar a relação entre mães e filhas.

A sociedade odeia as mães

Com muita frequência, as mães carregam toda a carga pela criação de filhos. E, muitas vezes, nem se questiona o fato, como se fosse natural que adquirissem responsabilidade exclusiva sobre eles. Considera-se natural também o desejo de toda mulher ser mãe, sendo que a mulher que ousa questionar isso é sempre repreendida em maior ou menor grau.

Quando uma mulher decide ser mãe, seja por vontade genuína (por mais difícil que seja de identificar isso), seja por imposição social, ela depara-se com uma série de problemas. Encontra dificuldades em tudo, porque não tem amparo nem do Estado, nem da iniciativa privada. O mercado de trabalho, que já é hostil às mulheres em geral, é mais ainda às mães. E, em muitos casos, sua família também a deixa desamparada. Tudo se torna mais difícil.

Não se tem estrutura em praças públicas, parques, transporte urbano ou rodoviário etc., para acolher mães e bebês ou

crianças pequenas de forma segura e acomodada. Com tanto abandono na questão materna, muitas mães podem ressentir-se dos filhos, porque se sentem desprotegidas de fato. Ou podem sentir-se solitárias, porque lhes é negada a vida fora da maternidade a partir do momento que engravidam. Impõem a elas que seu mundo deve girar em torno da criança que está por vir. E as crianças vão sentir esse peso desde muito novas. As mães vão ter grandes expectativas nas crianças, e as crianças vão querer atingir as expectativas dos pais, e quando essas expectativas frustram-se, teremos mães e crianças frustradas, num relacionamento prejudicial a ambas.

Até dentro do movimento feminista, essa mulher mãe pode sentir-se desamparada, porque o feminismo frequentemente esquece de incluir as mães e as crianças em suas pautas, especialmente quando ele reduz tudo a escolhas individuais e liberdade sexual. Precisamos sempre nos atentar à realidade material das mulheres e tentar dar suporte a todas.

Relações entre mães e filhas

A nossa sociedade prejudica o relacionamento entre mu-

lheres. De diversas formas, somos incitadas a não confiar umas nas outras. As outras são tidas como falsas, burras, e não tão amigas e companheiras como os amigos homens. Quando falamos de relacionamento de mães e filhas, temos que considerar essa realidade imposta às mulheres.

Além disso, temos um conflito geracional intenso. Enquanto os homens podem passar tradições de geração em geração, as mulheres não têm o que passar. As preocupações femininas são consideradas efêmeras e desimportantes. Naomi Wolf, em *O Mito da Beleza*, coloca que o elo entre as gerações de mulheres é “enfraquecido por definição. O que passou é raramente exposto para a admiração como peça da história ou da tradição, mas ridicularizado pela rígida norma da moda como algo embarçosamente *démodé*”⁶.

Nessa mesma perspectiva, uma série de expectativas desumanas é imposta às mães. Além de terem que criar filhos perfeitos, elas têm que ser perfeitas. E ser perfeita, para uma mulher no patriarcado, é ser bela. E o mesmo sistema dita que ser bela é ser jovem. E uma filha é sempre mais jovem que sua mãe. Quando a mãe vê a filha crescer e acredita

que ela mesma já está em decadência, e que a filha está no auge da vida, muitas vezes isso lhe pode fazer mal. E obviamente fazer mal à filha também.

O mito da beleza mina o bom relacionamento entre gerações de mulheres. “Se somos jovens, estamos bem treinadas para evitar a identificação com as mulheres mais velhas. Se somos mais velhas, tendemos a ser um pouco rigorosas com as mais novas, encarando-as com impaciência e desdém. O mito da beleza foi projetado artificialmente para lançar as gerações das mulheres umas contra as outras”⁷.

Uma outra questão a ser considerada é a tirania dos adultos com as crianças. “Violência adulta contra crianças é norma em nossa sociedade”⁸. E, sendo a mãe a grande responsável por cuidar das crianças, é ela que na maior parte das vezes perpetua violência verbal e física contra as crianças, muitas vezes reprodução da violência que ela mesma sofre dentro de sua casa. Isso é o que a Heleieth Saffioti chama de “Síndrome do Pequeno Poder”, que não é uma doença psicológica de mães, mas um problema sistemático de reprodução de comportamento violento masculino por parte das mães. Se as

mães estão em posição subalterna em relação aos seus parceiros, elas têm posição dominante em relação às crianças⁹.

Por mais que tenhamos leis de proteção às mulheres e às crianças, a sociedade ainda é extremamente violenta. E a violência intrafamiliar ainda é um tabu, tanto a cometida pelo homem contra a mulher, quanto a cometida pela mãe contra as crianças. A gente precisa falar, precisa expor. Cuidar das crianças é um dever da sociedade, elas não são propriedades de seus pais. Humilhar e espancar crianças como forma de educar não pode ser aceito. A dominação patriarcal sobre as crianças tem que acabar, seja ela cometida por homens ou por mulheres.

Uma mãe não comete violência física e verbal contra suas filhas porque é narcisista, ela comete porque foi ensinada que isso é correto, porque aprendeu que educação é isso. Uma mãe não é opressiva com seus filhos porque é doente, ela é assim porque é como foi socializada, com muita violência cometida contra ela. Uma mãe não é “egoísta” porque tem uma condição psicopatológica, ela é assim porque impuseram que ela tivesse filhos, exigindo que sua vida fosse toda devotada

a outra pessoa, enquanto a deixam sozinha e desamparada.

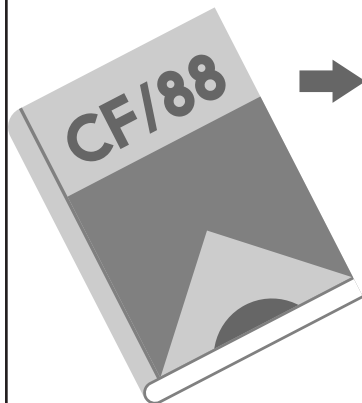
Esse mesmo “egoísmo”, em outro ser humano, é considerado normal. É normal que uma pessoa foque na carreira, é normal que uma pessoa tenha vontade de largar tudo e ir viajar ou viver no meio do mato. Mas, às mães, não é permitido ter vontades “normais”. Inclusive, não há um termo equivalente a “mães narcisistas” aplicado aos pais, que abandonam afetivamente os filhos com muito mais frequência. O termo que a psicanálise usa aos pais companheiros de “mães narcisistas” é “pai facilitador”, não sendo ele um agente de algo ruim contra as crianças.

Esta é uma sociedade que odeia mulheres, que obriga mulheres a serem mães mesmo quando não têm a mínima condição emocional ou financeira para cuidar de crianças e que obriga meninas a tornarem-se mulheres muito cedo, dizendo que devem ser lindas e “cuidarem” do corpo, mesmo quando ainda são pequenas, delegando-lhes responsabilidades e inserindo-as num mundo adulto muito antes de estarem preparadas. Além disso, é uma sociedade que obriga mães e filhas a serem melhores amigas, enquanto

faz de tudo para minar essa relação. Isso cria um conflito, no qual ambas podem sentir culpa quando o amor tido como natural não acontece, o que não significa que o sentimento delas não seja legítimo ou que é preciso insistir para que haja sempre perdão pelas faltas cometidas nesse relacionamento. O que se precisa é ter entendimento da realidade que acomete mães e filhas nesta sociedade.

1. FARIAS, Cynthia Nunes de Freitas; LIMA, Glaucineia Gomes de. **A relação mãe criança: esboço de um percurso na teoria psicanalítica**. In: Estilos da Clínica., v. 9, n. 16. São Paulo: 2004.
2. ENGELKE, Michele. **Filhas de Mães Narcisistas**. Kobo Editions, 2017.
3. SANTOS, Cila. **O que é maternidade compulsória?** QG Feminista, 2017. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-%C3%A9-maternidade-compuls%C3%B3ria-f23fd1643c6a>>. Acesso em 23 março de 2019.
4. FREEMAN, Jo. **The Building of the Gilded Cage**. In: Notes from the Third Year. Nova Iorque: 1971.
5. TERMAN, Lewis M.; TYLER, Leona E.. **Psychological Sex Differences**. In: CARMICHAEL, Leonard. Manual of Child Psychology. Nova Iorque: Wiley & Sons, 1954.
6. WOLF Naomi. **O Mito da Beleza**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. Pág. 278.
7. Idem, Pág. 378.
8. HOOKS, bell. **O Feminismo É Para Todo Mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Versão digital. Página 86.
9. SAFFIOTI, Heleith I. B. **No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual**. In: MADEIRA, Felícia Reicher. Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

ENTENDA COMO FUNCIONAM A LICENÇA MATERNIDADE E A LICENÇA PATERNIDADE



A CONSTITUIÇÃO FEDERAL (CF) DE 1988 ASSEGURA O DIREITO À LICENÇA MATERNIDADE, DE 120 DIAS, E À LICENÇA PATERNIDADE, DE 5 DIAS, SEM PREJÚIZO DO EMPREGO E DO SALÁRIO.

O BENEFÍCIO É CONCEDIDO TANTO A PAIS BIOLÓGICOS QUANTO A PAIS ADOTIVOS (NESTE CASO, PODE VARIAR A EXTENSÃO DA LICENÇA DE ACORDO COM A IDADE DA CRIANÇA).



EM 2008, O GOVERNO FEDERAL CRIOU O PROGRAMA EMPRESA CIDADÃ.

AS EMPRESAS QUE PARTICIPAM PODEM ESTENDER A LICENÇA MATERNIDADE PARA 180 DIAS E A LICENÇA PATERNIDADE PARA 20 DIAS, A PEDIDO DOS TRABALHADORES (A MÃE PODE PEDIR NO PRAZO DE ATÉ UM MÊS A PARTIR DO NASCIMENTO DO FILHO E O PAI, EM ATÉ 2 DUAS ÚTEIS), EM TROCA DE ABATIMENTO NO IMPOSTO DE RENDA. DURANTE ESTE PERÍODO, ELES NÃO PODEM EXERCER ATIVIDADE REMUNERADA, E A CRIANÇA DEVE SER MANTIDA SOB SEUS CUIDADOS.

BENEFÍCIO	PELA CF	EMPRESA CIDADÃ
LICENÇA PATERNIDADE	120 DIAS	(+60) TOTAL: 180 DIAS
LICENÇA MATERNIDADE	5 DIAS	(+15) TOTAL: 20 DIAS

AS EMPRESAS QUE QUEREM ADERIR AO PROGRAMA DEVEM PREENCHER UM REQUERIMENTO DE ADESÃO NO SITE OFICIAL DA RECEITA FEDERAL.



DA PARTE BOA DE SER MÃE

E as incríveis transformações que ter um filho pode proporcionar

Por: Cila Santos

Este é um relato particular. Minha homenagem pessoal a todas as mulheres que enfrentam a maternidade. Meus textos sobre maternagem, quase sempre, têm um tom profundamente político. Porque maternidade tem que ser problematizada, tem que virar pauta, tem que colocar suas demandas em primeiro plano na nossa sociedade, por tantos motivos já exaustivamente falados por aí.

Mas não é sobre isso que quero falar agora. Se uma mulher chegasse pra mim e perguntasse se é bom ser mãe, eu não saberia como responder. Pensando nela enquanto classe mulher, um ser socializado neste mundo machista, talvez eu dissesse: não tenha filhos, a maternidade é um massacre. Pensando nela individualmente, seria muito difícil aconselhar, porque as possibilidades de vivência positiva e plena da maternidade dependem de fatores muito específicos e de determinados privilégios aos quais se pode ou não ter acesso. De qualquer forma, a maternidade é um mar bravio em que é preciso que se entenda bem onde se está entrando e como navegar sem enlouquecer e naufragar. É preciso entender como manejar o barco e é preciso uma tripulação. Sempre.

E aí, particularmente, o que dizer? Eu adoro ter o meu filho. E neste espectro privado, individual, eu adoro ser mãe. Mas eu entendo que tenho uma vivência privilegiada da maternidade. No sentido de ter uma boa rede de apoio, tanto financeira, quanto emocional, quanto operacional. E isso me permite curtir bem a parte boa de ter filhos, minimizar a parte do “sacrifício”, tornar as coisas mais leves. E, ainda assim, é muito difícil. E eu entendo que ter o privilégio de ter algumas facilidades para poder exercer a maternidade torna a parte boa disso tudo especialmente boa. Me permite vivenciar com mais tranquilidade e plenitude os bônus de conviver, cuidar e participar da educação e socialização de um ser humano.

A parte boa de ser mãe existe. E ela é fantástica. Recomendo. E não tem tanto a ver com crianças limpas e cheirosas sorrindo e brincando como mostram os comerciais de TV (embora essa parte também seja ótima). Tem mais a ver com a profunda transformação que a maternidade te oportuniza. Integralmente. São mudanças tão profundas que às vezes demoramos a nos dar conta. E são mudanças que podem nos tornar uma pessoa diferente, quase sempre num aspecto positivo. Maternidade não santifica, não reforma caráter, não cura dores da alma, mas te desafia a um ponto que te põe pra pensar. E te coloca em lugares que você não esteve, e te exige coisas que você nem sabia que tinha pra dar. E isto pode ser transformador. Quase sempre é.

Eu aprendi tanto ou mais em 2 anos e meio de maternidade, com uma criança, quanto em trinta e tantos anos anteriores. Aprendi sobre mim, sobre o outro, sobre o mundo.

E há o amor. Que não posso afirmar que seja universal, porque acredito que há mães que não amem seus filhos e filhos que não amem suas mães, e tudo bem com isso. E também acredito

que o amor não é uma coisa automática, que surge só porque se tornou mãe, mas sim uma construção fortalecida pelo vínculo que se estabelece no cuidado, no convívio, na responsabilização pelo outro. Mas, uma vez lá, é um sentimento absoluto. Tão intenso que chega a doer. Eu nunca amei ninguém com tanta intensidade e desespero quanto amo meu filho. E sou grata por conhecer esse sentimento. Sou grata por cada instante de ternura. Talvez seja isso que dê força a tantas mulheres para enfrentar o que enfrentamos. Os instantes em silêncio, em que você olha pra sua vida e percebe que nada mais te pertence e surge teu filho e te arranca um sorriso involuntário e isso remexe tuas entranhas de tanta devoção. No fim, o que parece é que o nosso corpo fica inundado de umas substâncias muito loucas que nos impedem que a gente saia correndo e gritando porta afora e nunca mais volte. A despeito da vontade que dá. Nós ficamos. E ainda temos outros filhos.

É muito difícil separar o que é maternidade compulsória e romantização da maternidade do legítimo desejo de viver essa experiência. Não sei nem se vale a pena tentar. É muito difícil di-

zer se a experiência da maternagem, individualmente falando, e a despeito de todas as variáveis que uma mulher tenha à sua disposição (favoráveis e desfavoráveis), vai ser plena e feliz ou não. Social e politicamente falando, a maternidade é um grande problema para a mulher. Mas o fato é que, individualmente, é uma experiência que pode, sim, oferecer muita alegria e plenitude. E realização. Não há como tirar isso de tantas mulheres que chegaram nesse lugar. Negar essa vivência legítima.

Então, para as mulheres que estão navegando nesse mar da maternidade, ou querem navegar, eu desejo, no Dia das Mães, que todas possam curtir plenamente a parte boa de ser mãe. E que todas possam curtir não só no Dia das Mães, mas todo dia. E que a luta política de tantas pessoas em torno das pautas maternais possa permitir que todas as mulheres possam escolher de fato caso queiram ter a experiência da maternidade e ter apoio para isso. Para uma vivência mais feliz e plena. Tendo mais tempo com seus filhos. Tendo apoio da família. Tendo a correta divisão de responsabilidades sobre tudo com o pai da criança. Tendo políticas de

Estado. Tendo apoio dos sistemas de saúde e dos sistemas educacionais. Tendo seus filhos respeitados no espaço público. Tendo apoio da comunidade. Para que a parte boa, essa possibilidade de aprender, se transformar, ajudar na educação de um novo ser, vivenciar esse amor absurdo, se sobressaia a toda dificuldade inerente. Para que a maternidade não seja uma luta na qual quase ninguém sai ganhando.

Feliz Dia das Mães, mulheres.



**ESTE ZINE É O RESULTADO DO
TRABALHO DE VÁRIAS MULHERES.**

**QUALQUER PESSOA ESTÁ
APTA A VENDÊ-LO PARA
CUSTEAR SUA PRODUÇÃO.
ESTE ZINE NÃO POSSUI FINS COMERCIAIS.**

**CADA MATERIAL PRESENTE NESTE ZINE
PERTENCE À SUA RESPECTIVA AUTORA.**

**É PROIBIDO MODIFICAR ESTE
MATERIAL SEM AUTORIZAÇÃO PRÉVIA.
NÃO RETIRE OS CRÉDITOS.**

**É LIVRE A REDISTRIBUIÇÃO
DESTE MATERIAL.**

2019 © CACHALOTE PUBLICAÇÕES

